

Carta a um Amigo

"Parce que c'était lui ;

Parce que c'était moi"

Montaigne

João

São 12h 24m de sábado, 29 de Outubro de 2016.

Acabo de chegar a casa e apeteceu-me escrever estas linhas para te dizer, com a ingenuidade própria do adolescente alentejano de 18 anos que conhecestes, que sinto muito a tua partida e sei não ser fácil o tempo vir a apaziguar este vazio.

Com a tua habitual discrição deixaste-nos hoje mais pobres e mais sós, depois de um longo período de sofrimento que enfrentaste com enorme coragem, lucidez e serenidade que aumentou muito o respeito e grande admiração de todos quantos te conheciam.

Prometo não te maçar com o que te vou dizer nestas linhas.

A primeira e mais importante é, no seguimento da nossa última conversa de toda uma tarde, para te tranquilizar sobre uma das tuas preocupações e dizer-te que apesar da dureza sobre-humana destas últimas semanas, te mantiveste *igual até ao fim*.

Houve dias difíceis, muito difíceis, que ultrapassaste com resignação determinada, superior dignidade, coragem e a *elegância com que sempre viveste*.

Nem podia ser de outra maneira para ti João.

Como te disse, não tinhas nada a temer, porque tudo em ti era tão genuíno e natural que nada poderia modificar. Mesmo que acontecesse uma catástrofe e alguma inquietação aparecesse a querer vir perturbar-te, nada se alteraria porque *tu e a tua essência eram a tua pele e, essa João, tu não a podias despir*.

Sim João. Está tranquilo porque até ao fim desta *Etapa da tua Vida*, mantiveste a *Elegância* de sempre.

A segunda linha é para te dizer que o País se portou bem contigo nestes dias.

As mais Altas Figuras do Estado, passadas e actuais, prestaram-te homenagens de um modo que senti serem sinceras na expressão, verdadeiras nas acções e sóbrias e elegantes nas intervenções.

Foram chegando mensagens de doentes, dos mais mediáticos aos mais anónimos e destes últimos, que sei serem as que mais apreciarias, as palavras eram de reconhecimento e gratidão ao Cirurgião, claro mas, sobretudo, ao Homem que os tinha ajudado, muitas vezes até no *modo de viver*.

Da extensíssima cobertura da Comunicação Social, penso que foi o *teu o jornal*, o que lias regularmente todos os dias, quem melhor te definiu, chamando para metade da 1ª página, a afirmação de que « *partiu o homem que uniu a ciência à cultura* ».

É verdade, esta é a mais sintética, mais completa e melhor definição do « *homem público* », Cidadão íntegro, interventivo e coerente que conheciam. Foi nessa mesma edição que três dos Amigos que mais estimavas, Manuel Sobrinho Simões, Luís Portela e Walter Osswald, lamentando a perda que a tua partida representa para eles e para o País disseram, em síntese : *Cirurgião, Académico, Intelectual, Cientista, Humanista, nas ideias e na acção, de Cultura vastíssima, global e multifacetada, com uma Memória férrea e Inteligência notável, viva e fulgurante no raciocínio ... ;... Perfeccionista, estudioso, com grande sensibilidade clínica, a forma delicada, competente e rigorosa como servia os seus doentes era inigualável, algo que talvez só eles possam testemunhar apropriadamente... ;... Conciliava uma grande capacidade analítica com um enorme poder de síntese ... ;...Raciocinava profundamente sobre os mais diversos temas, escrevia muito bem e tinha grandes qualidades de oratória ... ;... Era um homem muito educado e culto, de fino trato, e de elevado nível intelectual ... ;... os Ensaios obras de consulta obrigatória pela pertinácia dos temas, lucidez da abordagem e virtuosidade dos conteúdos ... ;...a sua dimensão intelectual e a sua competência profissional, aliadas à sua enorme força interior, à sua grande sensibilidade, ao seu humanismo e ao seu poderoso bom senso, faziam dele um ser invulgar com o qual muito aprendemos e do qual guardaremos uma imagem muito bonita... ;... Ensaísta e escritor, Elaborador de doutrina Ética, cultor verdade e da beleza, é este o retrato de um HUMANISTA ... ;... Nele nos inspiraremos para procurar servir, cada vez melhor, os interesses de saúde das pessoas ... ;... é difícil, senão mesmo impossível, encontrar quem se identifique tanto com o que é a (boa) saúde que se faz em Portugal como João Lobo Antunes.*

Além desta faceta de *Homem Público* há duas outras que completavam a *essência tua condição* que, com não menor dimensão e qualidade, completavam a tua identidade. As do *Homem Institucional* e *Privado*.

Na dimensão *Institucional*, eras absolutamente Formal, porque *as Instituições são mais importantes que cada um de nós e as responsabilidades são para se levarem a peito*.

Homem de princípios, causas e objectivos, sempre afirmados com clara transparência de atitudes e opiniões procurados com nobreza de espírito e vontade inquebrantável que nem a condição de saúde impediu que permanecesses, até ao limite extremo das tuas capacidades físicas, igual a ti próprio. A estas particularidades associavas uma inabalável *vontade de fazer* que, absolutamente avassaladora arrastava todos os obstáculos que,

independentemente das intenções, pudessem aparecer no caminho que sabias levarem-te à razão. São disso exemplos, mais ou menos, recentes, o *Instituto de Medicina Molecular* e a *Universidade de Lisboa*.

Também a generalidade das Instituições que serviste manifestaram com sobriedade e nobreza a dimensão da perda. Um desabafo, para lamentar que uma das Instituições, talvez a que mais beneficiou com a tua presença e intervenção, *foi pequenina*. *Noticiou* a tua partida, como que em *nota de roda pé*, de modo tão despudoradamente burocratizada que, se todos se sentiram incomodados, maguou profundamente todos os teus Amigos que diariamente te acompanhavam.

Figura impar enquanto médico, professor, escritor, eticista e organizador de um moderno e diferente Edifício da Saúde, onde, tenho a certeza, quererias que fosse praticada uma *NOVA MEDICINA* assente no serviço e respeito pela dignidade do Homem Doente, centrada no conhecimento, balizada pela ética e certificada pelo trabalho culto e de qualidade. Como sempre dizias, recordando o Prof João (Cid dos Santos), lembrem-se que *a Medicina será sempre mais rica e melhor, quando praticada por Homens de Cultura*.

Foi neste domínio que alguns, *dizendo que te conheciam sem terem a menor ideia de quem eras*, confundiam determinação com intolerância, coerência de princípios com arrogância, análise fria de estratégias com depreciativo distanciamento.

Não te conheciam, de facto, mas há um detalhe João que não quero deixar de te recordar. Ninguém ousou associar ao teu nome a *falta de verdade, deslealdade, medo, intriga, cobardia ou inveja*. Se as outros adjectivações te deixavam indiferente, tenho a certeza que estas te encham de orgulho e gostas de saber.

De ti, da tua essência e condição, não posso dizer nada que não saibas o que penso, mas não quero deixar de recordar três aspectos.

O meu respeito e admiração por ti começou numa manhã de Janeiro de 1962 quando regressados das primeiras férias de Natal da Faculdade, o nosso grupo lamentando a falta que tínhamos sentido uns dos outros, propunha que nas férias da Páscoa fossemos passar uns dias juntos a qualquer lado. Tu disseste que tinhas que ver se podias e ... viste na Agenda que já tinhas compromissos. Agenda ? Compromissos a esta distância? aos 17 anos ?

Agenda tinha o meu Pai ! Eu precisava lá de Agenda !

Não há muitos anos, durante uma das nossas conversas em que falávamos das nossas vidas e intimidades que sempre recordarei mas *já esqueci*, muitas vezes em longos silêncios que é *como se dizem as coisas mais importantes*, disseste que *o teu segredo foi nunca teres perdido tempo* ! Pudera, respondi, se aos 17 anos já tinhas Agenda para saberes como o usar bem !

Conversámos várias vezes sobre o ambiente, nem sempre agradável, da Sala de Espera de Doentes na Cuf. Uma vez referi o facto de me ter apercebido que o ruído da Sala baixava quando passávamos. “É a maneira de os doentes expressarem o seu respeito”, respondeste.

Um tempo depois, ias uns bons metros à frente e senti-me envergonhado do comentário. Quando passaste o ruído não diminuiu. Parou. Fez-se um silêncio quase litúrgico e tive oportunidade de confirmar depois que o ritual era sempre esse. Com razão porque, afinal, *tu eras a expressão do distanciamento do cirurgião que operava o cérebro.*

Acontece que só alguns sabiam que esse distanciamento acabava logo depois de 2 ou 3 minutos de conversa, em que o doente se apercebia que *tinha caído a máscara com que te protecias da tua timidez natural, para te passares a mostrar efectivamente como eras: terno, e com um coração enorme cheio de amor para dar.*

Homem Bom que, como alguém disse nestes dias, *o João não fazia o que gostava, gostava do que fazia* e eu posso acrescentar que *gostava e fazia com paixão.*

Com paixão pela arte e ofício da Neurocirurgia, pela clínica, mas também pelo laboratório. Com paixão pela FML e pelo HSM e não menor pelo IMM. Com paixão pelo pensar, sem peias nem barreiras, por isso, Livre, Humanista e Cidadão que se assumia como angustiado metafísico, que acreditava no *bom coração* dos Portugueses, apesar da mágoa com que via o *inadequado desenvolvimento* de uma sociedade que *mantinha os portugueses que estão no Eça.*

Com paixão, com que ensinava, miúdos e graúdos. Com paixão, pelo que lia, pensava, dizia e escrevia, mas com não menor paixão pela música e pela pintura. Com paixão, pela limitação, simples, das capacidades de outros. Com Paixão, pela Família. Com paixão e optimismo como vivia, apesar de dizer que o pessimismo é uma profecia que se cumpre. Com paixão pela integridade na crítica, minuciosa, dura e implacável porque nunca queria menos que o perfeito. Era ainda com paixão que, não toleravas a preguiça e a irresponsabilidade e que fulminava a ignorância arrogante que destruias arrasadoramente num ápice.

Mas, era ainda *com amor* e desta vez com *COMPAIXÃO*, que acolhias aqueles que sofriam e que tu sabias teres já pouco mais a oferecer que o calor da tua mão e o consolo compassivo do teu gesto e palavra.

UM MODO DE SER muito próprio, onde não havia lugar para esconder dúvidas ou preocupações, fazia emergir o compromisso sacerdotal da vida da profissão, em coerência com coragem e valores da ética, da moral, da ciência em respeito pela dignidade dos doentes, que tratavas com a eficiência e o carinho com que as nossas avós bordavam, em panos de linho, as obras-primas dos seus enxovais.

Estas condições e circunstâncias, inconciliáveis com irresponsabilidade, falta de rigor e deslealdades, faziam-te sentir que o dever assim cumprido te dava a libertadora tranquilidade de consciência que te permitia viver NUMA CIDADE FELIZ.

Como todos nós cirurgiões, cumprias a Arte da Neurocirurgia, com o cérebro para avaliar e decidir, com o coração para a determinação do gesto do momento e com A MÃO, este extraordinário instrumento com que o Criador nos equipou, para o exercício da componente artesanal do Ofício mas, também, para OUTROS ENSAIOS onde, em conflito com o papel, passavas a escrito o que pensavas, o que o angustiava e o que o libertava.

Em suma, fruto das suas condições e circunstâncias, João Lobo Antunes é uma Personalidade que, no mundo da cultura e da ciência, é referência internacional no âmbito das suas Áreas do Saber Médico, das Artes e da Cultura.

Mas, é-o também, em outras, diversas e multifacetadas, áreas de intervenção, como são as da Ética para as Ciências da Vida, domínio em que me atrevo a dizer que, de acordo com que pensam ser a essência dessa mesma Vida, têm subjacente nas suas posições, o pensamento de Carrel, quando diz que “... o fundamental é a obtenção do progresso da pessoa humana. Porque a qualidade da vida é mais importante que a própria vida...”.

Encarregado do teu *laudacium* quando, em 2009, te atribuímos o Prémio Academia Pedro Hispano disse que “... *pela Obra, Exemplo e Escola, marca uma geração e deixa UM ECO que, ao contrário do que pretende e à semelhança de Pedro Hispano, não será SILENCIOSO, mas que, tal como o de João XXI, vibrará, como exemplo de competente e lúcida inteligência, entusiasmo e motivação, em luta constante pelo desenvolvimento do saber e das Sociedades..”.*

A propósito... Lembras-te João, ao contrário das inúmeras ocasiões em que aconteceu naturalmente o contrário, esta foi a segunda e última vez que “eu te ganhei”. A primeira foi, por razões que falámos longamente na altura e repetidamente depois em conversas tão íntimas que continuarão a ficar só para nós, quando te sentiste obrigado a acabar o curso na época de Setembro quando eu acabei em Julho!...

Dos nossos Mestres da Faculdade penso que João Cid dos Santos e, com maior impacto Juvenal Esteves, terão sido os que te deixaram marca maior.

Com o *nosso Professor João* coincidias na perspectiva da cultura e do entendimento do trabalho, que cultivavam de forma dura, contínua, prática e silenciosa, atitude que João Cid dos Santos, ilustrava dizendo “... *não basta que se diga que a vida de médico é dura ... é necessário que o seja ...”*, pensamento que, como sabes, fiz gravar na parede da Sala de Reuniões do Serviço.

Os jovens deste nosso tempo dirão que *o seu Professor João*, TU, e não olhes para mim *com aquele sorriso maroto meio de lado que diz tudo*, sei que estás orgulhoso com a comparação, mas podes estar certo que é a verdade e não a amizade que agora fala.

Da nossa Amizade já disseste e escreveste. Resta-me acrescentar que era uma amizade total, da entrega, sem limites nem restrições, que passava por tudo dizer e tudo fazer de acordo com o pensamento de cada um, acabando sempre por respeitar a decisão do outro. *Porque é que só tu é que me dizes essas coisas dessa maneira?* Porque sou teu amigo e não me importo que te aborreças, respondia.

A conversa seguia o seu rumo, muitas vezes através de longos silêncios, até ao final ... *pois é! é isso mesmo!* ... sem mais problemas ou dúvidas. Era assim, vivida por inteiro, absoluta, incondicional, discreta e silenciosa.

A nossa amizade, era e continuará a ser sempre silenciosa e presente e, como me disse o Meu Amigo Charles Proye, de Lille, agora não apenas com significado metafórico, *comme les étoiles. On ne les voit pas tout le temps, mas nous savons qu'elles sont toujours là.*

Os miúdos de hoje dirão que *o seu Professor João* vivia numa inquietação pelo saber, pelo bem e pelo belo porque, sabendo que são questões sempre em aberto e fonte de procura interminável, caberá a cada um a responsabilidade de dar o melhor de si e, de algum modo, contribuir com a sua parte para a procura do caminho que tu, porque *Ouvias Com Outros Olhos, vias mais baixo e ouvias mais longe segredos que te revelavam a verdade dos caminhos* que outros não viam porque não podiam ouvir.

Reconhecidamente uma das Mentas mais brilhantes, multifacetada no fazer, no dizer e no pensar sólido, profundo e reflectidamente contraditado, tu João, ficarás como um farol radioso desta Geração.

Foste um daqueles em que o nosso Professor João pensava quando, em 1949, disse que era necessário *“... que surja uma nova geração de navegadores, ... desta vez imóveis ... mas com asas no espírito ... porque ... só assim poderá nascer uma nova Aurora ...”*

Estamos felizes e tranquilos, porque sabemos que o teu exemplo fará *Nascer Novas Auroras*.

A tua *essência* feita de valores e princípios de respeito, dignidade, rigor, trabalho e ética, com que sempre viveste expressa um carácter feito da aliança *da amizade* com a compaixão, a ternura e o amor, tornou-te, pela elegância e cultura, um *Príncipe da Renascença* e, também por isso, mantinhas o culto da elegância e da vaidade com a beleza ... nas artes, nas letras, no ambiente, na música e, naturalmente, no feminino.

Conseguiste *não deixar nada por acabar e na medida do possível, não deixaste pontas soltas*. Fico à espera que me faças chegar o *Relato de Como te Fizeste Neurocirurgião*

e, porque *Les Éssais* seria o que *levarias para uma ilha deserta* vais poder agora conversar e rir, *na Torre ou nas Maçãs*, longamente com o teu Mestre e Amigo Michel, *Seigneur de Montaigne*.

Era sempre muito bom o tempo que passava contigo porque, como tu conheces bem a Lição do Meu Avô Henrique quando tinha 10 anos, fazias-me sentir mais inteligente, mais forte, mais culto e mais rico.

Agora já não precisas de me dizer ... *não me faças chorar* ..., porque agora, com a tua razão de sempre, quando chorar é sobretudo por mim que o farei.

Neste intervalo vou ter muitas saudades tuas mas, como sempre,

Até logo, Meu Amigo, Meu Irmão

Henrique